

## ARACI: TEATRO, EMPENHO SOCIAL E DIVERSIDADE SEXUAL

Alberto Ferreira da Rocha Junior\*

### Resumo

O artigo trata das relações entre teatro, extensão universitária, escritas (auto)biográficas e direitos da população LGBT dentro de uma perspectiva da contemporaneidade, tanto em termos de estética teatral quanto em termos de teorias que nos ajudam a refletir sobre os temas abordados. A criação espetacular partiu de depoimentos (auto)biográficos e tem como foco o desenvolvimento da expressão, por meio do corpo, com a utilização de frases curtas de importante significado do ponto de vista (auto)biográfico. A criação espetacular situa-se no campo do que se poderia chamar de teatro-dança. Em termos de referencial teórico, utilizamos Leonor Arfuch e sua reflexão sobre o espaço biográfico; Denilson Lopes e sua experiência textual na fronteira entre a (auto)biografia e a escrita acadêmica e a teoria *queer* a partir do texto seminal de Eve Sedgwick e as leituras de Guacira Lopes Louro sobre a referida teoria.

**Palavras-chave:** LGBT. Autobiografia. Teatro. Extensão Universitária.

### Résumé

L'article traite des relations entre théâtre, "extension" universitaire, écrits (auto)biographiques et les droits de la population LGBT dans une perspective de la contemporanéité, en tant qu'esthétique théâtrale et en tant que théories qui nous aident à réfléchir sur les thèmes abordés. La création spectaculaire est partie des témoignages autobiographiques et focalise le développement de l'expression, en utilisant le corps et des phrases courtes importantes du point de vue (auto)biographique. La création spectaculaire se situe dans le champ que l'on peut appeler 'théâtre-danse'. Pour les références théoriques, l'on utilise Leonor Arfuch et sa réflexion sur l'espace biographique; Denilson Lopes et son expérience textuelle dans les frontières entre l'(auto)biographie et l'écriture scientifique et la théorie *queer* à partir du texte fondamental d'Eve Sedgwick et les lectures de Guacira Lopes Louro sur cette théorie.

**Mots-clés:** LGBT. Autobiographie. Théâtre. Extension universitaire.

---

\* Professor de Teatro do Departamento de Letras, Artes e Cultura da Universidade Federal de São João del-Rei.

*Ma io non sono un pazzo a modo vostro, dottore!*  
Enrico IV, Pirandello

## Introdução

Este texto é um produto de projeto integrado de extensão, pesquisa e ensino que conta com o financiamento do Ministério da Educação (MEC) e da Fundação de Apoio à Pesquisa do Estado de Minas Gerais (FAPEMIG)<sup>1</sup>.

Geralmente, as pesquisas sobre teatro têm como objetivo desenvolver novas técnicas espetaculares ou atoriais ou, então, analisar o teatro pós-dramático. Este artigo tem como objetivo apresentar o projeto “Araci”, fundamentado na ideia de um teatro interessado, tal como Giorgio Agamben (2012) entende a arte interessada. Agamben inicia seu livro *O homem sem conteúdo* com uma crítica bastante severa à ideia da arte desinteressada. A defesa de tal “desinteresse” está bem sistematizada na primeira parte da *Crítica da faculdade de julgar*, de Immanuel Kant, na qual o filósofo alemão reflete sobre o julgamento estético. É no final do primeiro momento da analítica do belo, durante o qual o julgamento de gosto é analisado do ponto de vista da qualidade, que Kant conclui:

“gosto é a faculdade de avaliar um objeto ou um modo de representação através de um prazer ou desprazer *destituído de qualquer interesse*. Chama-se de belo o objeto de um tal prazer” (1986, p. 59).

Agamben vai se contrapor a essa ideia de “arte desinteressada” em favor da “experiência criativa do artista”, fazendo com que a reflexão sobre a arte se desloque “do espectador desinteressado para o artista interessado” (2012, p. 18; 19). Não sendo este o momento nem o lugar para tal discussão, deixamos aqui inscrita esta referência.

O projeto “Araci” está fundamentado, pois, em uma ação extensionista: alunos de graduação em teatro e

<sup>1</sup> O projeto de título “Araci: teatro, contemporaneidade e extensão universitária” foi aprovado dentro do edital PROEXT 2014 do Ministério da Educação; o mesmo projeto também foi aprovado dentro do edital “Extensão em interface com a pesquisa”, de 2013, da FAPEMIG, para ser executado a partir do ano de 2014. Por fim, o coordenador geral do projeto, Prof. Alberto Tibaji (Alberto Ferreira da Rocha Junior), foi contemplado com o auxílio do edital “Programa Pesquisador Mineiro”, de 2014, também da FAPEMIG, com o projeto “Araci”.

pessoas da comunidade externa produzirão, ao final do primeiro ano de atividades do projeto, uma cena espetacular de, no máximo, cinquenta minutos, a partir de histórias de vida com temática LGBT. Nosso interesse principal é investigar como construir uma cena espetacular de curta duração em uma perspectiva teatral contemporânea – ou seja, uma cena que não está baseada em um texto prévio e que não é construída dentro de um modo realista – e, ao mesmo tempo, tocar na importante questão dos direitos da população LGBT. O projeto está, portanto, inserido na interseção entre as áreas de Cultura, Direitos Humanos e Educação e tem como objetivo geral realizar reflexões teóricas e práticas sobre os modos de produção teatral a partir da inserção de um espetáculo com poética contemporânea no corpo da sociedade. A teoria *queer* e suas relações com alguns campos do saber, como educação, arte e literatura, guiam nosso projeto. Nosso intuito também é criar cenas nas quais as fronteiras entre gêneros sejam borradas e não cenas que reforcem identidades de grupos sociais. A importância da diversidade é enfatizada quando estas fronteiras não estão claras. De um ponto de vista político, quando reforçamos as identidades sociais, embora respeitemos a diversidade, frequentemente não vemos a importância do “Outro” na constituição de si mesmo.

## Araci

Araci é um nome brasileiro que, apesar de ser um nome que, geralmente, designa pessoas do sexo feminino, em menor escala também pode ser um nome masculino como Darci, Derci, Juraci etc. A ambiguidade foi a maior razão para escolhermos “Araci” como uma espécie de título fantasia do projeto.

Parte da atual equipe já realizou, em 2012, a apresentação de uma cena de 15 minutos, intitulada “A procura de Araci”, com a participação dos docentes Alberto F. da Rocha Junior (Alberto Tibaji) e Marcelo Rocco, ambos responsáveis pela encenação e dramaturgia. O elenco de 2012 era composto por seis alunos e alunas de graduação em teatro e um aluno de mestrado em Letras, todos da UFSJ<sup>2</sup>. A cena foi construída a partir de dois depoimentos dos mesmos

<sup>2</sup> Fizeram parte do elenco: Kaike Bartô, Luciana Oliveira, Matheus Way, Plínio Rezende, Talles Ramon, Thaíssa Gömöry (todos alunos de graduação em teatro na UFSJ, à época) e Elton Mendes, então mestrando em Letras também na UFSJ.

alunos sobre vivências (*Erlebnisse*) da homossexualidade, uma na infância e outra na adolescência. Resumidamente: um aluno contou ao grupo que quando era criança, como era proibido de brincar com bonecas, ele costumava brincar com os frascos de perfume vazios de sua mãe, como se fossem bonecas, já que muitos destes frascos tinham formas femininas. Um dia, sua mãe o surpreendeu com as “bonecas de vidro” e obrigou-o a jogá-las fora. O menino, então, fez um funeral para as “bonecas” e enterrou-as na horta de casa. O segundo aluno relatou que, ao decidir contar a sua mãe que era homossexual, no início de sua adolescência, foi proibido de ter suas roupas lavadas com as roupas dos outros integrantes da família.

A partir desses estímulos, o grupo criou uma cena espetacular absolutamente sem palavras proferidas oralmente, à exceção de uma canção entoada no final da cena. Todo o trabalho foi realizado a partir de improvisações. Os sete integrantes do elenco vestiam vestidos idênticos e, a partir de uma perspectiva *queer*, buscou-se confundir as identidades sexuais esperadas: todos usavam vestidos na primeira parte da cena e na terceira parte – a cena era dividida em três partes e a segunda parte era quase totalmente no escuro, com a iluminação de um único foco de lanterna – abriam-se os vestidos e sua parte superior era dobrada de modo a parecer que os intérpretes usavam saias. Nesse momento havia uma atriz que usava saia e sutiã e um ator que usava saia e sutiã. Todos os outros atores usavam saia e o peito nu, assim como outra atriz. Sem nenhum tipo de cena explícita de relacionamento sexual ou de beijo entre pessoas do mesmo sexo, cremos que alcançamos uma poética contemporânea com tema extremamente pertinente para a equipe de criação como um todo e que poderia estimular debates para uma população jovem e sem espaço para discutir suas experiências.

O projeto, em 2014, retomou a metodologia então utilizada e exercita o trabalho de criação com integrantes da comunidade externa, trabalhando com metodologia desenvolvida pelo grupo teatral mineiro “Luna Lunera”: ensaios afetivos e observatórios de criação. A metodologia do referido grupo teatral foi objeto de pesquisa do aluno de Mestrado em Letras sob minha orientação<sup>3</sup>, que trabalhou na cena em 2012.

<sup>3</sup> Trata-se do aluno Elton Mendes, atualmente doutorando em Teatro na Universidade Federal da Bahia (UFBA).

Em termos gerais, o projeto consta do oferecimento de oficinas teatrais de curta duração (em torno de dez horas de duração) em lugares variados (Escolas Estaduais, Teatro Municipal de São João del-Rei, na própria universidade e no Ponto de Cultura ManiCômicos). Após o oferecimento das oficinas, foram convidados três integrantes da comunidade externa para, junto com o grupo, criar uma cena de vinte minutos sobre o tema em questão. Devido a dificuldades de horários, apenas uma pessoa da comunidade externa permaneceu no grupo. A partir de setembro de 2014, a cena de, aproximadamente, vinte minutos e que recebeu o título de “Araci: quando abraço de mãe não cura”, foi apresentada para diferentes públicos e em diferentes locais.

Após essas apresentações, o grupo voltará a ensaiar a partir de janeiro de 2015 e preparará um espetáculo de cinquenta minutos que deverá ser apresentado nos mesmos lugares, também com debates após as apresentações. Fundamental observar que o processo de criação inicia também com depoimentos sobre vivências do mundo LGBT que servem de estímulo para a encenação. A equipe do projeto conta, ainda, com um aluno de Iniciação Científica e outro de Iniciação Científica Júnior, que estão responsáveis por um levantamento de espetáculos teatrais brasileiros dos últimos vinte anos que tratem do tema em questão, sobretudo quando associado a um relato autobiográfico ou biográfico<sup>4</sup>.

<sup>4</sup> São integrantes do projeto atual: os docentes Alberto Tibaji (Alberto Ferreira da Rocha Junior – Coordenador), Marcelo Rocco, Claudio Guillarduci, Inês Linke e Juliana Mota; os técnicos Pedro Inácio Leonel, Pedro Decot, Elisa Pita e Alex Flemming; e os seguintes discentes: Bolsista PIBIC/FAPEMIG – Júnio de Carvalho; Bolsistas de Extensão: Diego José Domingos Pereira, Maria Gabriela Pereira Lucenti, Nathalie Moreira de Oliveira, Thales Henrique Rocha Firmo Dias e Weverton Andrade Silva; Bolsistas IC/FAPEMIG: Camélia Amada São Francisco Guedes e Matheus Santana Cardoso Gouvêa; Bolsista PIBIC-Jr/FAPEMIG: Walifer Santos da Silva. Participantes da comunidade externa: Ana Marina Nascimento. É importante sublinhar que o técnico Pedro Inácio Leonel foi admitido no Programa de Pós-Graduação em Letras da UFSJ e deve desenvolver, em nível de mestrado, pesquisa comparativa sobre dois documentários acerca do tema LGBT: “Paris is burning” e “Dzi Croquettes”, sob orientação do autor deste artigo.

## As oficinas

A primeira atividade do projeto foi a seleção dos bolsistas, que foi realizada no mês de janeiro de 2014 por meio de uma oficina prática, redação de texto reflexivo e avaliação do histórico escolar de cada aluno de graduação candidato. Houve um total de doze inscrições para as cinco bolsas iniciais. Depois de algumas desistências, o conjunto de alunos se estabilizou<sup>5</sup>.

No início de fevereiro, os bolsistas começaram a ser treinados para oferecerem oficinas de teatro em escolas públicas de ensino médio. Eis o texto que serviu de divulgação das oficinas.

O projeto de extensão 'Araci: teatro, contemporaneidade e extensão universitária', do curso de graduação em TEATRO da UFSJ, coordenado pelo prof. Alberto Tibaji, oferece uma oficina teatral voltada para alunos da rede pública de educação, especificamente do ensino médio, mas que também pode ser cursada por outras pessoas interessadas, desde que possuam 15 anos de idade ou mais. O projeto é financiado pelo Ministério da Educação e pela Fundação de Apoio à Pesquisa de Minas Gerais – FAPEMIG – além de seu coordenador ter sido contemplado com apoio financeiro para este projeto dentro do Programa Pesquisador Mineiro, também da FAPEMIG.

O principal objetivo das oficinas é oferecer exercícios relacionados ao fazer teatral, o que inclui exercícios de percepção, de expressão corporal, de interpretação, além de levantar questões recorrentes em nossa comunidade. Também serão realizados exercícios e discussões tendo como pilar as questões referentes à temática LGBT e à diversidade sexual. Os participantes deverão vestir roupas confortáveis de modo a poder deitar no chão e fazer exercícios físicos. Será concedida uma declaração de participação na oficina àqueles que o solicitarem.

Foram realizadas parcerias com as seguintes instituições, associações e movimentos sociais: 34ª Superintendência Regional de Ensino do Estado de Minas Gerais (34ª SRE), Movimento Gay da Região das Vertentes (MGRV), Mães pela Igualdade, ONG Atuação e a Secretaria Municipal de Cultura de São João del-Rei,

---

<sup>5</sup> É importante registrar que não era necessário que a/o bolsista ou participante fosse homossexual ou se considerasse pertencente ao grupo LGBT nem mesmo que assumisse perante o grupo sua orientação sexual. Entretanto, devido à frequência do convívio, inevitavelmente, as/os alunas/os comentavam sobre sua orientação sexual e podemos dizer que, a partir do que as/os participantes dizem, temos pessoas homossexuais, heterossexuais e bissexuais fazendo parte do projeto.

mais especificamente com o Teatro Municipal da cidade.

A preparação das oficinas ocorreu em várias frentes de trabalho: em primeiro lugar, era preciso criar uma linguagem corporal básica em comum para o grupo. Apesar de todos os participantes serem alunos e alunas do curso de graduação em teatro da Universidade Federal de São João del-Rei (UFSJ), era necessário estabelecer uma linguagem em comum, o que foi feito mediante uma espécie de rotina de preparação corporal que incluía relaxamento, alongamento, aquecimento e exercícios de coordenação motora e de estímulo ao trabalho em grupo. A segunda frente de trabalho foi a de leituras e discussões a partir de textos e de cenas de filmes. Os alunos fizeram breves fichamentos dos textos e foram realizadas discussões ao longo dos encontros<sup>6</sup>. Finalmente, foram realizados vários exercícios e jogos teatrais com os participantes do projeto para que eles pudessem aplicá-los nas oficinas.

O primeiro debate girou em torno da decisão se a oficina deveria ser oferecida em substituição às aulas de artes dentro das escolas – o que traria um caráter de obrigatoriedade para a oficina – ou se deveríamos oferecer oficinas livres, de modo que somente aqueles e aquelas que tivessem interesse em participar se inscrevessem. A opção pela obrigatoriedade poderia ser feita em parceria com o Programa de Incentivo à Docência (PIBID) do curso de graduação em teatro (Licenciatura) e deixava o grupo sem a tarefa de divulgar a oficina. Contudo, houve insistência de nossa parte para que se tentasse algo de mais difícil que seriam as oficinas livres, das quais participariam apenas pessoas interessadas. A parceria com o PIBID foi efetivada apenas com a finalidade de estreitar os laços com os professores da educação básica e pela facilidade de divulgação das oficinas por parte dos mesmos<sup>7</sup>.

Foram programadas oficinas com carga horária que variava entre nove e três horas de duração e que seriam ministradas cada uma por dois bolsistas entre os dias 12 de maio e 6 de junho de 2014. As oficinas seriam realizadas nos seguintes locais: São João del-Rei (Teatro

---

<sup>6</sup> Foram exigidas as leituras de capítulos dos seguintes livros: Louro (2008), Miskolci (2013) e Torres (2013).

<sup>7</sup> É importante sublinhar que o prof. Marcelo Rocco, que também participa do projeto "Araci", é o Coordenador do PIBID/Teatro na UFSJ.



Municipal, ONG Atuação, Escola Estadual Evandro Ávila, Escola Estadual Tomé Portes del-Rei, Escola Estadual Ministro Gabriel Passos, CRAS-Tijuco); Tiradentes (parte da programação do Festival de Teatro Tiradentes em Cena) e em Resende Costa.

A primeira oficina foi ministrada pelas alunas Nathalie Moreira de Oliveira e Camélia Amada São Francisco Guedes, no Teatro Municipal de São João del-Rei, nos dias 12, 13 e 14 de maio de 2014. Participaram seis jovens, um do sexo masculino e cinco do sexo feminino. No primeiro encontro, todos os seis deixaram claro que tinham uma orientação homossexual, o que, apesar de alguns desconfortos, facilitou o trabalho e o entrosamento de todos<sup>8</sup>.

A segunda oficina foi ministrada pelos bolsistas Matheus Santana Cardoso Gouvêa e Júnio de Carvalho, na Escola Estadual Evandro Ávila, no distrito do Rio das Mortes, ainda na cidade de São João del-Rei, porém distante da zona urbana central da cidade, nos dias 5 e 6 de junho.

Nenhuma outra oficina foi realizada por motivos os mais diversos. Uma das dificuldades se deveu à mudança do calendário escolar, antecipando as férias para o início de junho – em consequência da Copa do Mundo – e fazendo com que a segunda quinzena de maio e a primeira semana de junho fossem períodos de provas, obrigando os alunos a se dedicarem aos estudos e dificultando a autorização por parte dos pais para os estudantes participarem da oficina<sup>9</sup>. Além disto, a parceria com o PIBID não funcionou a contento porque um dos professores de educação básica informou ao nosso grupo que tudo estaria acertado junto à direção de

<sup>8</sup> Parte do desconforto pode ser notado por uma observação do jovem de sexo masculino – único no grupo – que, ao se declarar de orientação homossexual, fez questão de sublinhar que era um homossexual ativo e não passivo. A observação remete, inevitavelmente, ao texto de Michel Misse (1979), e a questão já havia sido abordada em nossas discussões dentro do projeto, na tentativa de que não repetíssemos a estigmatização da passividade, questão bastante recorrente nos debates e suficientemente abrangente para abarcar os preconceitos de gênero e a depreciação do feminino e da mulher em geral. O aluno de sexo masculino, em sua avaliação final da oficina, escreveu: “Por que sempre preciso me apresentar como ativo?”.

<sup>9</sup> Considerando que a maioria absoluta dos alunos seria menor de idade, o grupo decidiu exigir uma autorização por parte dos pais ou responsáveis para que o menor pudesse participar da oficina.

três escolas e divulgado em sala de aula, quando nada havia sido feito e as escolas não foram informadas das atividades a serem realizadas. Em uma das escolas, as inscrições de mais de doze alunos foram efetivadas, porém, nem a professora nem a direção da escola informou aos alunos a data de início do curso, o que fez com que os bolsistas se apresentassem à escola no dia e hora marcados, mas nenhum das/os alunos/as inscritas/os compareceu. Outra dificuldade detectada foi a resistência de alguns pais que demonstraram medo – fato relatado pela professora de artes da Escola Estadual Evandro Ávila – diante da oficina se apresentar como uma oficina de teatro que pretendia discutir sobre o tema da diversidade sexual.

Durante o segundo semestre de 2014, mais oficinas foram oferecidas em outros espaços (na sede do grupo teatral ManiCômicos, na Universidade Federal de São João del-Rei e na Escola Estadual Governador Milton Campos – também conhecida como Polivalente). Nesta última, foram oferecidas duas oficinas que funcionaram, uma como Trabalho de Conclusão de Curso de Teatro (Licenciatura) para o bolsista Weverton Andrade Silva e outra como estágio supervisionado em espaço formal de ensino para a bolsista Nathalie Moreira de Oliveira, juntamente com Ricardo Pereira Fidélis, que foi bolsista de Iniciação Científica FAPEMIG durante seis meses no projeto “Araci”. A oficina oferecida por Weverton Andrade teve a participação de dois alunos bolsistas do Programa de Incentivo à Docência (PIBID) do Curso de Biologia da UFSJ. Weverton Andrade também ofereceu uma oficina durante a Semana Acadêmica do Curso de Pedagogia da UFSJ<sup>10</sup>. Os bolsistas Gabriela Lucenti e Diego Domingos ofereceram oficina durante o I Encontro da Diversidade Sexual, organizado pela Companhia Teatral ManiCômicos. Fazia parte da programação, também, a apresentação da cena “Araci: quando abraço de mãe não cura”, seguida de debate.

Uma das grandes preocupações e discussões do grupo foi como construir exercícios que tratassem do tema LGBT sem causar constrangimentos aos alunos e alunas participantes. Realizando a oficina dentro do ambiente

<sup>10</sup> Os bolsistas do PIBID Biologia foram Bruno Henrique Costa e Deborah Gontijo de Castro. O Coordenador do PIBID Biologia da UFSJ atualmente é o professor Gabriel Menezes Viana, a professora coordenadora do PIBID na Escola Estadual Governador Milton Campos é a professora Cássia Zaniti Souza e a diretora da referida escola, Adriana Leitão.

escolar, corríamos o risco de, a depender dos exercícios realizados, observadores imprevistos comentarem o tipo de desempenho corporal, vocal e cênico dos participantes. Dedicamo-nos, então, a elaborar exercícios que deveriam estimular a proximidade, o contato e a expressão corporal em si mesmos, sem abordagem direta do tema LGBT, além de jogos teatrais que fossem voltados para o sentimento de grupo e de ludicidade. Exercícios de alongamento e de massagem em que cada participante ajuda a outra ou o outro a fazer o exercício e jogos em que um participante guia o outro ou a outra participante às cegas pelo espaço, estimulando o contato físico e quebrando as barreiras existentes para tocar o corpo do colega seja ele do mesmo sexo ou de outro sexo. Segue um exemplo de jogo que trabalha indiretamente o tema.

O jogo foi trazido para o grupo pelo professor Marcelo Rocco, docente da área de licenciatura em teatro com pesquisa sobre jogos dramáticos, jogos teatrais e improvisação. O jogo foi chamado de “Jogo do eu e do outro”<sup>11</sup>. Cada participante, de olhos fechados, recebe uma cor na sua testa que pode ser um adesivo ou uma tinta colorida. Sem nenhum tipo de mensagem verbal e com as mãos presas às costas, os participantes precisam fazer com que os grupos de cores sejam reunidos, utilizando o olhar e o corpo. No projeto, decidimos jogar uma variação deste jogo com uma pessoa recebendo uma cor sem correspondente no grupo, ficando, portanto, isolada dos outros participantes. Assim, o jogo permite que os diversos participantes passem simbolicamente pela sensação de exclusão em relação ao grupo, sem abordar diretamente o tema LGBT, mas podendo ser comentado em discussões posteriores.

Um exercício bastante importante para o projeto como um todo foi realizado a partir de trecho bastante curto da peça *Romeu e Julieta* de William Shakespeare. Trata-se da cena em que, depois de se conhecerem na festa da casa dos Capuleto, Romeu está escondido no jardim da casa da família inimiga e Julieta surge mais acima no balcão.

Julieta – Ah, Romeu, Romeu! Por que tinhas que ser Romeu? Renega teu pai, rejeita teu nome; e, se assim não o quiseres, jura então que me tens amor e deixarei de ser uma Capuleto.

<sup>11</sup> Segundo o Professor Marcelo Rocco, uma primeira versão do jogo lhe foi ensinada por um professor de teatro espanhol, a trabalho, em um navio. O jogo foi adaptado para os objetivos da oficina.

Romeu (à parte) – Devo escutar mais, ou devo falar agora?

Julieta – É só teu nome que é meu inimigo. Mas tu és tu mesmo, não um Montéquio. E o que é um Montéquio? Não é mão, nem pé, nem braço, nem rosto, nem qualquer outra parte de um homem. Ah, se fosses algum outro nome! O que significa um nome? Aquilo a que chamamos rosa, com qualquer outro nome teria o mesmo e doce perfume. E Romeu também, mesmo que não se chamasse Romeu, ainda assim teria a mesma amada perfeição que lhe é própria, sem esse título. Romeu, livra-te de teu nome; em troca dele, que não é parte de ti, toma-me inteira para ti.

Romeu – Tomo-te por tua palavra: chama-me de teu amor, e serei assim rebatizado; nunca mais serei Romeu.

Julieta – Quem é esse homem que, assim envolto pela noite, tropeça em meu segredo?

Romeu – Com um nome, não sei como te dizer quem sou. Meu nome, minha santa, é odioso a mim mesmo, porque é inimigo teu; se o tivesse escrito, rasgaria a palavra. (SHAKESPEARE, 1998, p. 49-50).

O texto de Shakespeare, em termos de enredo, é bastante claro: as duas famílias são inimigas e, portanto, é o nome de família de cada um que os impede de estar juntos. Mas a discussão é mais ampla do que a trama superficial da peça indica e parece-nos apropriada para o tema LGBT. Trata-se da discussão, em última instância, da relação entre o nome – o substantivo – e aquilo que ele designa, a relação entre a palavra e a coisa. É Julieta, e não Romeu – o que nos parece bastante importante –, quem reflete sobre essa relação e aponta o caráter convencional do nome: “aquilo a que chamamos rosa, com qualquer outro nome teria o mesmo e doce perfume”. O nome, frequentemente, pode servir como etiqueta ou rótulo, limitando a expressão do ser, que passaria a ter que corresponder aos atributos convencionais do ser que leva o nome que lhe foi atribuído. Trata-se, em relação ao tema LGBT, de colocar em questão a atribuição de características identitárias específicas para cada nome: heterossexual, homossexual, bissexual, travesti, transexual, intersexual, neutro etc. Daí a importância da teoria *queer* e de seu questionamento dessas denominações:

esse ‘incômodo’ com as ferramentas educacionais incapazes de fazer frente à realidade de pessoas fora da norma, essa vontade de acolhê-las ao invés de julgá-las, frequentemente se expressa em questões como: como chamo tal pessoa? O que é tal aluno? Ele é travesti? Ele é transexual? E foi um desafio lidar com essas questões, foi muito difícil explicar que era justamente isso que a gente não queria, não queríamos embarcar no processo de criar um escaninho das espécies sexuais alocando cada uma em uma caixa ou identidade. Evitar esse tipo de abordagem classificatória é uma forma de realmente transformar a experiência educacional (MISKOLCI, 2013, p. 17-18).

Como diria a personagem Julieta, “e o que é um Montequio? Não é mão, nem pé, nem braço, nem rosto, nem qualquer outra parte de um homem”. O questionamento dessas nomenclaturas, sobretudo as de ordem sexual, traz um problema para muitas das ações políticas que vêm sendo implementadas, pois estas se baseiam, com bastante frequência, em identidades de grupo ou identidades sociais. O que muitos militantes do movimento LGBT argumentam é que justamente a atribuição de um nome dá visibilidade ao que é nomeado, permitindo, portanto, a luta por direitos e obrigando a população como um todo a se defrontar com, no nosso caso, pessoas que, em princípio, fogem à heteronormatividade. Em revanche, a defesa de certas identidades frequentemente propicia a criação de rótulos e/ou de estereótipos que dificultam a compreensão e a abertura para certas vivências<sup>12</sup>. Neste sentido, parece-nos interessante que as campanhas que visam a possibilidade do casamento entre pessoas do mesmo sexo tenham como slogan “casamento civil igualitário”, ainda que a população, em geral, a trate como “casamento gay”.

### A montagem de uma cena

Depois do oferecimento das oficinas, pessoas da comunidade externa foram convidadas a fazer parte da equipe do projeto com o intuito de criar uma cena espetacular de vinte minutos de duração para ser apresentada em escolas e outros lugares do município. Os convites foram realizados durante as oficinas, por meio do Movimento Gay da Região das Vertentes e pelo *mailing list* de outro projeto de extensão da UFSJ: Cineclubes Homoerótico<sup>13</sup>. Além disto, as/os bolsistas também convidaram pessoas que não fossem alunas/os da UFSJ para participar. Nossos horários matinais de trabalho dificultaram a participação de pessoas da comunidade externa, o que nos obrigou a trabalhar um

<sup>12</sup> Apenas a título de exemplo, vale conferir as tirinhas de Bill Roundy, em que o cartunista, assumidamente gay – nas tirinhas ele se autointitula de “Gold Star Gay”, por ser “um homem gay que nunca transou com mulher” –, explica aos leitores porque, mesmo tendo relacionamentos amorosos com transhomens, continua se sentindo um “Gold Star Gay”. Disponível em: <<http://www.ladobi.com/2013/11/gay-namorar-transhomens/>>.

<sup>13</sup> O projeto era coordenado pelo Prof. Frederico Bustamante e tinha como bolsista de extensão o discente Elielson Rodrigues Nascimento. O projeto foi encerrado em fevereiro de 2014.

dia à tarde, quando, então, três pessoas da comunidade externa se juntaram ao grupo<sup>14</sup>.

Dentro da rotina de trabalho, há, com frequência, exercícios de relaxamento, exercícios de aquecimento, jogos e exercícios relacionados à memória e ao tema LGBT. Um dos exercícios trabalhados foi a experimentação do referido trecho de *Romeu e Julieta*. Contudo, não apenas nos interessou a discussão do texto sobre a relação entre a palavra e a coisa designada, mas, também, a ideia de jogar com as identidades de gênero dentro da cena. Nos exercícios, tentamos o máximo de variações que borrassem as fronteiras identitárias: um ator faz a Julieta, vestido de modo masculino, enquanto uma atriz faz o Romeu, vestida de modo feminino; uma atriz faz a Julieta, vestida de modo masculino, enquanto um ator faz o Romeu vestido de modo feminino; duas atrizes, vestidas de modo feminino, fazem Romeu e Julieta; dois atores, vestidos de modo masculino, fazem os dois personagens; e assim por diante. Com isto, buscamos desconstruir as imagens dos personagens já bem conhecidos do público e desconstruir as imagens de masculino e de feminino.

### Autobiografia e cena teatral

No início do processo de criação da cena, o bolsista Walifer Santos (PIBIC-Jr/FAPEMIG) colheu em grupo os depoimentos de vários participantes do projeto, mesmo daqueles que não se autodenominam pertencentes ao universo LGBT. Considerando que nosso intuito não é montar uma cena teatral realista, conforme explicitamos acima, iniciamos um período de criação voltado para a corporeidade e para o universo das memórias pessoais.

Cada participante foi estimulado a criar um pequeno trecho cênico em que deveria trabalhar aquilo que desejava dizer no espetáculo. Alguns desses trechos incluíam textos e alguns haviam incorporado em seu trecho informações sobre depoimentos que não eram o seu próprio. Dessas frases curtas, algumas tinham sido proferidas pelo pai do participante contra ele, outras eram comentários de colegas e amigos/as, outras eram expressões de um sentimento íntimo.

<sup>14</sup> Foram eles: Ana Marina Nascimento, Plínio Pereira Rezende e Vinícius Cristóvão. Apenas Ana Marina Nascimento permaneceu no projeto.



No espaço de, aproximadamente, trinta dias, os participantes já haviam produzido, a partir desse estímulo e a partir de outros exercícios e jogos, uma quantidade significativa de material cênico. Tratamos, então, de criar uma dramaturgia para o material bruto, conferindo-lhe certa ordem, ainda que experimental, pois já alteramos a primeira ordem criada e houve uma troca de bolsista, nesse intervalo<sup>15</sup>.

A primeira apresentação da cena “Araci: quando abraço de mãe não cura” ocorreu no dia 11 de setembro de 2014 em evento extensionista do Curso de Comunicação Social da UFSJ, intitulado “5ª Cultural”. A apresentação foi realizada na Sala Preta do Curso de Graduação em Teatro da UFSJ e foi amplamente divulgada. Em seguida, foi realizada uma série de apresentações, até o mês de dezembro de 2014, para públicos variados e em locais distintos<sup>16</sup>.

Uma situação bastante comum nos relatos de vários participantes diz respeito ao controle de minúcias do dia-a-dia: o modo de andar, o modo de parar, a caligrafia, o jeito de servir um copo d’água, o jeito de pegar no copo d’água etc.:

as normas regulatórias do sexo têm, portanto, caráter performativo, isto é, têm poder continuado e repetido de produzir aquilo que nomeia e, sendo assim, elas repetem e

---

<sup>15</sup> Desde o início do projeto em fevereiro de 2014, o aluno Ricardo Ribeiro participou do projeto como voluntário em termos de extensão e como bolsista PIBIC/FAPEMIG. Por motivos profissionais, o aluno precisou ser substituído pelo aluno Diego Domingos, já citado em nota anterior. Em seguida, o aluno João Antônio Bennett da Silva precisou deixar o projeto e foi substituído pelo aluno Thales Henrique Dias, já citado anteriormente.

<sup>16</sup> Espetáculo teatral, parte do projeto Araci: teatro, extensão universitária e contemporaneidade, financiado pela FAPEMIG e pelo PROEXT/MEC. Apresentações nas datas:

11 set. 2014 (UFSJ, no evento 5ª cultural); 20 set. 2014 (Ponto de Cultura Manicômicos, São João del-Rei, no I Encontro da Diversidade Sexual); 26 set. 2014 (UFJF, II Seminário Internacional Corpo, Gênero e Sexualidade); 14 de outubro de 2014 na XVI Semana Acadêmica do Curso de Pedagogia da UFSJ; 22 de outubro de 2014 no Colóquio Crítica da Cultura - a política e as letras do Programa de Pós-Graduação em Letras da UFSJ; dias 12, 19 e 26 de novembro de 2014 para alunos da escola Polivalente na UFSJ e para trabalhadores da manutenção da UFSJ; dia 26 de novembro de 2014 para alunos e professores de EJA de Piedade do Rio Grande; dia 05 de dezembro de 2014 para Alexandre Bortolini, da coordenação de direitos humanos do MEC na UFSJ; 10 de dezembro de 2014 para a equipe do Flagship Program da University of Georgia na UFSJ.

reiteram, constantemente, as normas dos gêneros na ótica heterossexual (LOURO, 2008, p. 44).

Como uma espécie de fantasma que ronda a vida cotidiana, no seu mais ínfimo detalhe, o interesse sexual por alguém do mesmo sexo e o interesse por brincadeiras ou atitudes socialmente consideradas apropriadas para um gênero sexual que não o seu, assombram a vida de pais, mães, filhos e filhas. A necessidade de esconder, de todos e de todas, esses interesses, a impossibilidade de escondê-los, a possibilidade de que o mínimo gesto possa ser compreendido como a revelação desses interesses, a vergonha de ser repreendido/a em público ou em particular por demonstrá-los e a necessidade de descobrir alguém com quem compartilhá-los são extremamente frequentes. A situação nos remete à noção de poder descrita por Michel Foucault:

Onipresença do poder: não porque tenha o privilégio de agrupar tudo sob sua invencível unidade, mas porque se produz a cada instante, em todos os pontos, ou melhor, em toda relação entre um ponto e outro. O poder está em toda parte; não porque englobe tudo e sim porque provém de todos os lugares. E ‘o’ poder, no que tem de permanente, de repetitivo, de inerte, de autorreprodutor, é apenas efeito de conjunto, esboçado a partir de todas essas mobilidades, encadeamento que se apoia em cada uma delas e, em troca, procura fixá-las. Sem dúvida, devemos ser nominalista: o poder não é uma instituição e nem uma estrutura, não é uma certa potência de que alguns sejam dotados: é o nome dado a uma situação estratégica complexa numa sociedade determinada (FOUCAULT, 1988, p. 89).

Assim, foram criados ou adaptados alguns jogos e exercícios para estimular nos participantes dois tipos de sensação: a de estar sendo vigiado todo o tempo e a de ser diferente da maioria. Foram realizadas algumas variações, a partir de jogo bastante conhecido em que temos um detetive, um assassino e uma vítima. Nos nossos exercícios, não havia assassinos nem vítimas, mas cada participante deveria entregar uma chave para um participante específico, sem que o detetive descobrisse. Ou, então, o exercício também já bastante conhecido de alguém precisar descobrir quem comanda a ação em uma roda em que todas as pessoas executam os mesmos gestos.

Dessa ideia de controle e de poder, ficaram um trecho cênico coletivo e outro em dupla cujo texto é idêntico, porém com gestos diferentes. O texto foi criado pelo participante Weverton Andrade:



Você tá muito afeminado. Vou te colocar no futebol. Futebol é coisa de menino. Lá tem menino, você não vai ficar assim do jeito que você é. Pega no copo direito! Homem não pega no copo assim. Quando chegar na casa da sua avó, não conversa com as suas primas. Já disse: não conversa com meninas!

No trecho, que é desempenhado por uma dupla de atores, um participante biologicamente do sexo masculino se dirige, de modo rude, a outro participante biologicamente do sexo masculino, estando, aquele que ouve, fisicamente, em uma posição inferior àquele que o agride verbalmente. Entretanto, o texto acima, que deveria, em princípio, ser dito por alguém que tivesse características heteronormativas para alguém com características de homossexualidade masculina, tem sido trabalhado de modo a exibir certa ambiguidade. Antes de iniciar a referida cena, o ator Weverton Andrade tira seu vestido e coloca, em cena, uma roupa masculina: calça comprida marrom, camisa social branca de manga comprida, colete também marrom e sapatos sociais (todas as atrizes e atores estão descalços). A cena começa, portanto, com Weverton Andrade vestido com roupas masculinas e Júnio de Carvalho com roupas femininas. Um ator retira as roupas de Weverton Andrade enquanto outro ator retira o vestido de Júnio de Carvalho, que fica apenas de cueca em cena, enquanto um ator e uma atriz vestem o vestido que antes estava sendo usado por Júnio de Carvalho em Weverton Andrade. E é com essa configuração cênica que o texto acima transcrito é dito por Weverton Andrade em direção a Júnio Carvalho.

Terminado esse trecho, uma nova dupla de participantes entra em cena e cada um a seu modo diz: “ser gay é maravilhoso”, o que soa verdadeiro, da parte do ator que pronuncia a frase, mas soa irônico, a partir da cena que acabou de ser presenciada. Assim que ambos saem de cena, entra uma atriz e diz: “ser gay não tem cura”<sup>17</sup>.

### Considerações finais

O projeto ainda prevê várias etapas: finalização de cena de quinze minutos a ser exibida em escolas públicas de ensino médio, novos ensaios, finalização de espetáculo

<sup>17</sup> Outras informações sobre o espetáculo podem ser obtidas pela TV/UFSJ em: <[https://www.youtube.com/watch?v=Bctk\\_C5ROMY](https://www.youtube.com/watch?v=Bctk_C5ROMY)>; e na matéria publicada pela revista *Catarse*, disponível em <[http://issuu.com/catarserevista/docs/catarse\\_02](http://issuu.com/catarserevista/docs/catarse_02)>.

de trinta minutos e produção de publicação sobre o projeto. É importante destacar que, ao término de quase todas as apresentações, houve debates sobre o tema.

Mesmo tendo consciência da necessidade de defesa dos direitos humanos da população LGBT – há muito por ser feito –, os principais objetivos do projeto são: abrir espaços de discussão e de expressão para a diversidade sexual e fornecer informações sobre instituições que auxiliam a população LGBT e que já estão em funcionamento. Por exemplo, o Movimento Gay da Região das Vertentes possui sede situada na cidade de São João del-Rei, o município possui tanto uma Diretoria de Direitos Humanos quanto um Conselho Municipal dos Direitos de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais – o primeiro do Estado de Minas Gerais. Com isto, retornamos à questão sobre as políticas pós-identitárias de que fala Guacira Lopes Louro e tantos outros teóricos *queer*:

descentrando normas, distanciamos-nos de uma política de identidade que situa análises em indivíduos e esforçamo-nos para movermo-nos rumo a uma compreensão de práticas institucionais e culturais que emolduram a orientação sexual de um modo particular (TIERNEY; DILLEY, 1998, p. 65)<sup>18</sup>.

Nossa intenção, portanto, não é oferecer aos nossos espectadores nenhum tipo de norte imantado, na direção do qual possam se orientar em termos sexuais e afetivos. Se eles puderem reconhecer a existência de pontos cardeais, ou melhor, de referências geográficas que sirvam de parâmetros – variáveis ou constantes – para que possam exercitar sua subjetividade, trilhar seu próprio caminho, teremos cumprido nosso objetivo.

### Referências

- AGAMBEN, Giorgio. *O homem sem conteúdo*. Belo Horizonte: Autêntica, 2012.
- FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade I: a vontade de saber*. Rio de Janeiro: Graal, 1988.
- KANT, Immanuel. *Analítica do belo. Arte e palavra*, Rio de Janeiro, 1, p. 54-79, 1986.
- LOURO, Guacira Lopes. *Um corpo estranho: ensaios sobre sexualidade e teoria queer*. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

<sup>18</sup> Tradução nossa. No original: “by decentering norms we move away from a politics of identity that situates analyses within individuals and we struggle to move toward an understanding of institutional and cultural practices that frame sexual orientation in a particular manner”.

MISKOLCI, Richard. *Teoria Queer: um aprendizado pelas diferenças*. 2. ed. rev. e ampl. Belo Horizonte: Autêntica; Ouro Preto – MG: UFOP – Universidade Federal de Ouro Preto, 2013.

MISSE, Michel. *O estigma do passivo sexual: um símbolo de estigma no discurso cotidiano*. Rio de Janeiro: Achiamé, 1979.

SHAKESPEARE, William. *Romeu e Julieta*. Porto Alegre: L&PM, 1998.

TIERNEY, William G.; DILLEY, Patrick. Constructing knowledge: educational research and gay and lesbian studies. In: PINAR, William F. (Ed.). *Queer theory in education*. New York: Routledge, 1998. p. 49-71.

TORRES, Marco Antonio. *A diversidade sexual na educação e os direitos de cidadania LGBT na Escola*. Belo Horizonte: Autêntica; Ouro Preto – MG: UFOP – Universidade Federal de Ouro Preto, 2013.